

# A Índia hoje...



**EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO**  
Professor da AESE\*

Completaram-se, no dia 15 de Agosto, 66 anos sobre a independência da Índia, com o emotivo discurso proferido por Nehru no Forte Vermelho, em Deli, à meia-noite do dia 14 para 15 de Agosto de 1947, conhecido como “O Encontro com o Destino”.

Aí começa a grande marcha em liberdade, muito penosa nos primeiros tempos, com as sequelas da separação do Paquistão e a total pobreza e falta de meios herdados do regime colonial. A precipitação com a ânsia de crescer depressa e tirar todos da pobreza leva à opção do “socialismo indiano” no plano económico, que se revelou um total desastre, interminável, por não haver coragem de ver a realidade e rectificar o rumo.

O movimento acelerado de crescimento iniciado em 1991, ao substituir o “socialismo indiano” pela “livre iniciativa”, deu lugar à rápida criação de riqueza, com intensa participação do povo na reconstrução da Índia. As sequelas negativas do socialismo durante os 43 anos não se eliminam num ápice, pois, além da pobreza, fez instalar uma monstruosa burocracia para controlar tudo, como é apanágio dos países socialistas, gerando uma capilar corrupção, que deixou meio apodrecido o tecido político e social.

A gradual melhoria das taxas de crescimento teve o seu máximo um pouco antes da crise, e nos anos anteriores a ela registaram-se taxas de 8,5% a 10%. Elas reduziram-se durante a crise, esperando-se que retomem toda a pujança brevemente. No ano 2012/13, o crescimento fixou-se em 5,5%. Contudo, há que interpretar tal valor, porque todas as zonas rurais, mercê dos apoios aos chefes de família e às obras de infra-estrutura local, tiveram um bom salto de crescimento. Sem contabilidade organizada, a riqueza não se reflecte no PIB do país. A agricultura cresceu bem, tendo a Índia sido o 1.º exportador, com 9 mi-

lhões de toneladas de arroz, em 2012; e 7,5 milhões de toneladas de trigo, em 2013. A produção global de cereais é de mais de 255 milhões de toneladas, com uma área irrigada de 635 000 km<sup>2</sup>, permitindo mais de uma colheita ao ano.

Todas as iniciativas de desenvolvimento, oficiais ou privadas, têm em conta os mais pobres, com uma vontade forte e difundida de se criar uma verdadeira “inclusão social”. As fortes economias de escala, num país com elevada população, fazem que haja muita frugal innovation com poucos meios, mas pensada para reduzir os custos dos produtos/serviços, de modo a serem vendidos a preços muito baixos e irem penetrando até à base da pirâmide social.

É nitidamente o que acontece com os operadores de telefones móveis, sob a tutela da Trai – organismo de regulação das telecomunicações da Índia: com a gradual redução dos custos e das tarifas, por causa da incorporação de inovações, o telemóvel tornou-se acessível a camadas populacionais paupérrimas. Há actualmente mais de 800 milhões de linhas de rede móvel activas, pois, só pelo facto de estar conectado, os rendimentos de qualquer trabalhador tendem a aumentar. As tarifas são irrisórias, mas os operadores ganham bem, ao serem muitos os utilizadores.

O ensino é, de há 7 anos, obrigatório até aos 14 anos, devendo qualquer instituição de ensino, privada ou pública, oferecer a refeição do almoço, para “agarrar” a criança à escola. Isto melhora a taxa de sucesso escolar e a continuação em estudos mais avançados, num ambiente que valoriza a educação como o meio mais eficaz de melhorar as condições de vida.

Levar os cuidados de saúde a todos, em especial aos mais pobres das regiões rurais, está a ser um objectivo empenhado. Multiplicam-se centros de saúde públicos e o alcance dos hospitais públicos e privados. Algumas cadeias hospitalares privadas anunciaram a criação de hospitais pequenos, de 100 camas, nas cidades da província, dotados de todos os meios de diagnóstico. Além disso, estão a

propagar-se os microsseguros de saúde para os estratos muito pobres, possibilitando-lhes serem atendidos em qualquer hospital privado, sem pagar nada.

Brevemente, as famílias pobres terão acesso a fármacos gratuitos, de prescrição médica, o que será um forte alívio para parte importante da população. A indústria farmacêutica indiana tem tido desempenhos muito exemplares, produzindo a baixos custos; com as quantidades elevadas para o grande consumo interno e para a exportação, a indústria indiana está numa posição competitiva invejável. De facto, mesmo em Goa, há dezenas de grandes laboratórios a produzir genéricos para as marcas nacionais e internacionais.

No âmbito do acordo com a OMC – Organização Mundial do Comércio, os laboratórios indianos têm também vindo a produzir alguns remédios, poucos, com a patente ainda viva. Isso acontece quando o custo do produto é demasiado elevado, não permitindo a um cidadão vulgar ter acesso a ele; é quando a autoridade da OMC pode autorizar a fabricação de um genérico, na esperança de ser vendido a um preço muito mais baixo do que o produto patenteado. A Índia foi considerada a “farmácia dos países pobres”, quando produzia remédios para a sida por 350 USD a dose anual, e os laboratórios ocidentais vendiam o seu produto equivalente por 10 000 USD. Mas hoje a Índia é dita a “farmácia do mundo”, pois exporta para todo o mundo, também para os países ricos. A Índia conta com mais de 75 fábricas certificadas pela FDA – Food and Drug Administration, dos EUA, um organismo muito exigente e, por isso, praticamente aceite nas suas prescrições por todos os países.

Há iniciativa privada que tem mostrado caminhos ao governo da Índia sobre o modo de resolver os problemas que afectam os cidadãos, nomeadamente da saúde, da instrução, da distribuição de produtos de consumo nas zonas rurais, etc. Por exemplo, o Aravind Eye Care System, especializado em cuidados da visão, incluindo

operações às cataratas, fá-las gratuitamente para quem não as pode pagar; em cada ano, fazem mais de 300 000 operações às cataratas, e dão mais de 1,5 milhões de consultas; apenas 1/3 dos utentes paga, e os 2/3 restantes, ao serem pobres, não pagam nada! O Narayana Hrudayalaya Hospital (NHH), para os cuidados do coração, incluindo operações de by-pass coronário e diálises renais, faz as intervenções a preços muito reduzidos, baseando-se nas economias de escala, pedindo donativos e gerindo com grande eficiência todo o sistema. Uma operação típica, como o by-pass coronário, custa 2500 USD no NHH, enquanto a média indiana é de 5000 USD e nos EUA pode variar de 25 000 USD a 40 000 USD.

Os sistemas de microcréditos funcionam por toda a Índia. Uma entidade, a Hindustan Lever, tem mais de 45 000 microempresas que servem, numa vasta área rural, mais de 150 milhões de pessoas. Alguns bancos privados mais dinâmicos fomentam os Self Help Groups (SHG), Grupos de Auto-Ajuda, onde cada grupo com cerca de 10 a 20 mulheres empreendedoras, lideradas por uma delas, pede e devolve solidariamente empréstimos bancários, para os seus pequenos negócios. Calcula-se que haverá 3 milhões de SHG em funcionamento na Índia.

## A Índia conta com mais de 75 fábricas certificadas pela FDA – Food and Drug Administration, dos EUA, um organismo muito exigente

Há, da parte de muitas empresas *for-profit*, uma atenção focada na faixa mais pobre, com intensa actividade de I&D orientada para fazer produtos robustos e de alta prestação, a custos muito reduzidos. É o caso dos purificadores de água, com filtros especiais incorporando nanotecnologia, de longa duração e fiáveis, por 23 USD... Também é o do carro Nano, da Tata, por 2200 USD. É o caso do electrocardiógrafo da GE, redesenhado na Índia e produzido por um preço baixo, agora vendido nos EUA por 1/10 do preço habitual; foi a isto que Jef Immelt, CEO da GE, apelidou de *reverse innovation*.

É certo que, aparentemente, afrouxou o ritmo de crescimento da Índia, reflexo da crise generalizada nos países ricos. Contudo, os investimentos em marcha e programados na Índia são prenúncio de que a actividade económica voltará a ganhar novo impulso e o crescimento poderá fixar-se estávelmente nos 8% a 9%. Está previsto criar 100 milhões de postos na manufactura, nomeadamente em têxteis e confecção, na indústria automóvel e em produtos electrónicos (*hardware*). As tecnologias de informação contam triplicar a produção até ao ano 2020, chegando a 300 mil milhões USD e criando 20 milhões de novos empregos.

O turismo está agora a mostrar o seu valor: depois de hotéis, comunicações, transportes aéreos, em auto-estradas, de comboio, há hospitais muito bons nas grandes e nas pequenas cidades. E há mais de 33 locais e monumentos considerados património da humanidade, que atraem centenas de milhares de pessoas. Ganha importância cada vez maior o turismo de saúde: abundam hospitais de alta qualidade, a maioria deles certificados por cadeias famosas norte-americanas e pelo Instituto Nacional de Certificação Hospitalar indiano. Estes dois sectores do turismo vão criar um elevadíssimo número de empregos, de variadas qualificações; e também boas receitas.

\*professor visitante da ASM - Angola School of Management e autor do livro *O Despertar da Índia*